



# O Sofrimento Humano II

Aula17

[www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/](http://www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/)

Em uma cosmovisão cristã o sofrimento humano tem origem na rebeldia dos primeiros pais e na queda. No entanto, ainda existem outras questões que envolvem a relação entre sofrimentos específicos e pecados específicos, bem como o tema do sofrimento do justo – aquele que está em uma aliança de relacionamento com o Eterno – e os propósitos do Senhor ao permitir/ordenar determinados sofrimentos.

No Antigo Testamento encontramos variadas respostas, como aquelas fornecidas por Lamentações e pelo livro de Jó. Contudo, é no Novo Testamento que o tema do sofrimento ganha novas luzes devido a revelação plena de Jesus Cristo, Filho de Deus encarnado. As verdades reveladas da encarnação de Jesus – O Eterno Filhos de Deus – e sua paixão remodelaram completamente a maneira como o tema do sofrimento é abordado em uma cosmovisão cristã por que declara uma verdade simples e ao mesmo tempo contra intuitiva: o Eterno é um Deus que sofre.

Embora o sofrimento do Eterno pela queda e degeneração da sua criação seja expressa aqui e ali (Gn 3.9; Gn 6.5-7), o sofrimento do Eterno fica claro quando Israel quebra a aliança e abandona a Deus pelos ídolos (1Sm 8.7-9; Is 1.2-4). O livro do profeta Oséias, por exemplo, é todo construído sobre a noção de que o sofrimento do profeta como marido traído é apenas uma ponta do sofrimento de Deus, o marido traído de Israel (Os 1.1-2.1). Assim como Oséias, os relatos proféticos são carregados da dor da rejeição do Eterno.

No entanto, em Jesus o sofrimento de Deus se torna claro, patente, visceral e radicalmente explícito na “Paixão de Cristo”. A palavra “Paixão” é um termo que vem do grego “Pathós”, que significa literalmente sofrimento. Por isso nos referimos historicamente ao sofrimento de Cristo como sua paixão, seu sofrimento, significando assim os sofrimentos físicos, emocionais, psíquicos e espirituais que envolvem o intervalo entre o final da última ceia na quinta e a morte de Jesus na tarde de sexta-feira, chamada sexta-feira da paixão na longa tradição cristã.

O sofrimento de Jesus veio encarnar de modo brutal as profecias do Servo Sofredor, que durante muitos séculos foi interpretado como sendo Israel somente, mas que em uma perspectiva canônica se torna uma profecia que aponta para Cristo como o verdadeiro servo justo e santo de Deus que sofre por seu povo (Is 52.13-53.12). Esta passagem do profeta Isaías, especialmente os versos 3 a 5 do capítulo 53, representa de maneira arrebatadora a relação entre o trabalho redentor de Cristo e seu sofrimento. Como Jesus salva? Por um mecanismo de sofrimento: Jesus sofre na cruz do calvário a duríssima punição pelos pecados que não cometeu – sofrimento que deveria ser nosso – para livrar do sofrimento da ira vindoura todos aqueles que descansam e confiam na suficiência de seu sofrimento para perdoar e curar.

A salvação em Cristo é um mecanismo de sofrimento substitutivo.

Essa perspectiva do Evangelho é fantástica e maravilhosa. Os antigos gregos, seguindo as ideias de Platão e Aristóteles, criam na existência de um “Deus” que era apático. O palavra “apatia” aqui ocorre no sentido completamente inverso da palavra “paixão”, pois a apatia seria uma completa ausência de afeto diante de alguma situação, uma completa indiferença e não envolvimento de qualquer ordem no sofrimento alheio. A maioria dos cristãos veem Deus como sendo algo entre a apatia e a paixão, um Deus simpático ou empático ao nosso sofrimento. Contudo, o que as Escrituras revelam por meio do Evangelho é um Deus completamente passional: ele não apenas compreende ou sente ou se identifica ou empatiza com o nosso sofrimento, mas de fato tomou sobre si o nosso sofrimento, revestiu-se com a nossa dor e angústia.

Sendo assim, todos os Evangelhos concentram longa quantidade de material para descrever todos os detalhes da paixão de Cristo (Mt 26.36-27.55; Mc 14.32-15.41; Lc 22.39-23.49; Jo 18.1-19.37), desde sua oração suplicante no Getsêmani até seu suspiro final na cruz do calvário. Esta perspectiva de um Deus que se reveste de nosso sofrimento alterou completamente a relação da igreja primitiva com o sofrimento das perseguições e dos primeiros mártires.

Primeiro, saindo da conexão sofrimento/pecado os cristão puderam perceber bem a relação estreita entre sofrimento e justiça, pois uma vez que o cristão decide viver para Cristo e como Cristo em um mundo caído essa decisão certamente lhe trará sofrimento. O sofrimento por causa da justiça que estava já presente em Abel (Gn 4.1-15) e na vida dos profetas que permaneceram fiéis ao Eterno em tempos de apostasia (1Re 19) agora se tornar o estilo de vida do discípulo de Cristo: “Bem-aventurados serão vocês quando, por minha causa os insultarem, perseguirem e levantarem todo tipo de calúnia contra vocês. Alegrem-se e regozijem-se, porque grande é a recompensa de vocês nos céus, pois da mesma forma perseguiram os profetas que viveram antes de vocês” (Mt 5:11,12).

Em segundo lugar, o sofrimento passa a ser encarado como um processo de identificação com Cristo, uma via na qual podemos aprofundar nossa união com Cristo. Paulo declara de maneira estupenda em Colossenses 1.24:

“Agora me alegro em meus sofrimentos por vocês, e completo no meu corpo o que resta das aflições de Cristo, em favor do seu corpo, que é a igreja”. O comentarista Curtis Vaughan afirma que Paulo não está aqui defendendo qualquer tipo de salvação pelas obras por meio do sofrimento, pois afirma na mesma epístola de maneira categórica que o sacrifício de Cristo é suficiente e definitivo para nossa salvação (Cl 2:11–15).<sup>1</sup> Qual seria então o sentido do que Paulo está dizendo? Vaughan responde: “O princípio é a união entre o cristão e Cristo. Essa união é tão íntima – Cristo é a cabeça, seu povo é o corpo – que Ele sofre quando seu corpo sofre (cf. Isa 63:9). Seu sofrimento pessoal está terminado, mas seus sofrimentos em seu corpo continuam”.<sup>2</sup>

Neste aspecto Paulo considerava o sofrimento um motivo de alegria para o cristão, pois poder identificar-se com o sofrimento de Cristo é um privilégio: “a vocês foi dado o privilégio de, não apenas crer em Cristo, mas também de sofrer por ele” (Filipenses 1:29). Essas palavras podem soar duras, mas é bom sermos lembrados de que o Senhor Jesus não está comprometido com o nosso conforto como valor absoluto, mas está comprometido em primeiro lugar com nosso crescimento, nosso amadurecimento e nossa união profunda e íntima com Ele mesmo e o sofrimento se torna um mecanismo de identificação entre Cristo e seu povo, entre nós e nosso Redentor Sofredor.

Ao escrever ambos os textos Paulo talvez estivesse se recordando das palavras do Senhor em Damasco, quando lhe perguntou por que Paulo o estava perseguindo (At 9). É fato que Paulo estava perseguindo a igreja, e assim sua perseguição era ao próprio Cristo. Por causa da profunda união entre Cristo e o cristão – união mística, espiritual e verdadeira – o sofrimento do cristão lhe possibilita compreender mais sobre o sofrimento de Cristo pois sua dor é a um só tempo o sofrimento do próprio Cristo. Indo a fundo no sofrimento encontramos um Deus que sofre.

Em terceiro lugar, o sofrimento passa a ser um processo disciplinar de Deus que é ministrado sobre nós amorosamente a fim de nos desenvolver na piedade cristã. Tiago diz que devemos ter “grande alegria” por podermos passar pelas tribulações pois elas produzem em nós integridade (Tg 1.2-4). Paulo trabalha a ideia do sofrimento como gatilho de amadurecimento também em Romanos 5.3-5, no qual nos chama a nos gloriamos na tribulação pois ela produz em nós um caráter aprovado e firme esperança em Deus.

Esses textos podem parecer confusos para nós, pois um Deus que nos submete ao sofrimento – e é exatamente o que estes textos estão dizendo – não parece ser um Deus muito amoroso. Nas sociedades antigas a disciplina, o treino físico que envolvia dor e sofrimento, era um caminho reconhecido para o bem estar e para o pleno desenvolvimento. Os atletas gregos viam no rigor de seus treinadores um ato de cuidado. As pessoas compreendiam que o sofrimento tem um efeito poderoso sobre o caráter e por isso é parte importante da vida que deve ser integrada e não negada. Contudo, quando o Ocidente Moderno colocou o bem estar e a comodidade como um valor absoluto acabou criando um impasse: se o meu bem estar e comodidade é algo bom em si mesmo, por que Deus permite o incômodo do sofrimento? Por que Deus quereria nos ver sofrer? É como diz a canção: “O mundo pode te fazer chorar, mas Deus te quer sorrindo”. Contudo, o apóstolo diz algo bem diferente: “Aproximem-se de Deus, e ele se aproximará de vocês! Pecadores, limpem as mãos, e vocês, que têm a mente dividida, purifiquem o coração. Entristeçam-se, lamentem e chorem. Troquem o riso por lamento e a alegria por tristeza. Humilhem-se diante do Senhor, e ele os exaltará (Tiago 4:8-10).

Nenhum outro texto do Novo Testamento deixa tão claro a disciplina como um ato de amor como a Epístola aos Hebreus. Na passagem poderosa de Hebreus 12.1-12 o autor nos lembra que a disciplina é um ato de amor por é basicamente um ato de cuidado. Disciplinar é corrigir o rumo de alguém que está em uma rota de colisão, uma rota de autodestruição e que precisa ser impedido. Como o pecado é basicamente um desejo de autodestruição, a disciplina é o amor de Deus agindo para nos colocar no rumo certo, no caminho que visa o nosso bem. Contudo, aqui existe uma troca: passamos por um desconforto instantâneo para experimentar um bem estar futuro e duradouro, ao invés de experimentar um bem estar momentâneo em troca de um desconforto e sofrimento futuro duradouro (Hb 12.11). Por que Deus é nosso Pai e por que Ele nos ama certamente nos corrige. O contrário – não correção – seria um ato de apatia, de indiferença e portanto um ato de ódio.

Por fim, podemos captar uma última ideia poderosa do Novo Testamento acerca do sofrimento nas palavras de Jesus em sua Parábola do Semeador (Mt 13.1-23), quando Jesus se refere a semente que caiu em solo superficial (Mt 13.5,6). Jesus diz que a semente logo brotou, mas não pôde se manter quando o sol saiu por que não tinha raízes. Jesus deixa claro o sentido: essa semente representa o ouvinte que ouve o Evangelho e logo se empolga, mas como não tem raízes em si mesmo acaba fraquejando diante do sofrimento e abandona o caminho do discipulado (Mt 13.20,21). O discipulado certamente nos levará na direção do sofrimento e se nossa percepção do significado do sofrimento em Cristo e nossa disposição de encarar-lo não estiver no lugar, ele poderá se torna uma pedra de tropeço. Jesus entalhou bem seu convite ao discipulado: “Se alguém quiser acompanhar-me, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me” (Mt 16:24,25). O convite ao discipulado envolve disposição de sofrer com e como o Redentor Sofredor.

<sup>1</sup> VAUGHAN, CURTIS: Colossians. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Ephesians through Philemon*. vol. 11. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1981, p. 190

<sup>2</sup> VAUGHAN, CURTIS: Colossians. In: GAEBELEIN, F. E. (org.): *The Expositor's Bible Commentary: Ephesians through Philemon*. vol. 11. Grand Rapids, MI : Zondervan Publishing House, 1981, p. 190